

HOMEM DE VERDADE: REFLEXÕES SOBRE A MASCULINIDADE A PARTIR DE “BOY ERASED: UMA VERDADE ANULADA”, DE GARRARD CONLEY

RUIZ, Melissa Salinas¹
ALVES, Fábio Lopes²

RESUMO

Considerando o vínculo entre literatura e sociedade, o presente artigo parte da leitura da obra *Boy Erased: uma verdade anulada* (2016), de Garrard Conley, para refletir sobre a masculinidade. Para tanto, utiliza o método de pesquisa bibliográfica, recorrendo aos estudos literário, *queer* e de masculinidades. Inicialmente, disserta sobre a relação entre literatura e sociedade, com ênfase na perspectiva autobiográfica. A seguir, apresenta o enredo do livro e seus principais personagens. Logo, parte do enredo da obra e seus conflitos para, a partir de teóricos como Bento (2015), Connell (1987) e Kimmel (1998) refletir sobre a masculinidade dentro da narrativa. Conclui que a leitura da obra permite conhecer as vivências do autor e analisar o ideal de masculinidade hegemônico contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia. Gênero. Homem. Literatura. Masculinidade.

BEING A REAL MAN: REFLECTIONS ON MASCULINITY FROM “BOY ERASED”, BY GARRARD CONLEY

ABSTRACT

Considering the relation between literature and society, this article recurs to the book *Boy Erased: uma verdade anulada* (2016), by Garrard Conley, to reflect about masculinity. Therefore, uses bibliographic research as a method, recurring to literary, queer and masculinities studies. Initially, explains the relation between literature and society, specifically in autobiographic gender. Then, presents the book plot and its characters. Next, discusses the construction of masculinity in the book and in contemporary society, recurring to authors such as Bento (2015), Connell (1987) and Kimmel (1998). Concludes that the literary work allows the reader to know its author experiences and also problematize the hegemonic masculinity that exists in contemporary western society.

KEYWORDS: Autobiography. Gender. Man. Literature. Masculinity.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Stryker (2017), a construção da masculinidade ocorre desde o instante em que o médico comunica aos pais “é menino!” Nesse momento, aparentemente tão singelo, dá-se início uma cadeia de ações orientadas em torno a essa identidade masculina, abarcando tanto a pintura do quarto do bebê em tons “masculinos” quanto a aquisição de roupas “de menino”. Ao nascer, o nome atribuído ao bebê concretizará todas as expectativas que foram se construindo a respeito de seu “sexo”: a genitália é masculina então, definitivamente, é menino!

A masculinidade se resumiria à genitália? Esse é um questionamento que a teoria *queer* – vertente teórica influenciado por Michel Foucault (2019) e pelo desconstrucionismo de Derrida

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: m_salinas@hotmail.com

² Doutor em Ciências Sociais e pós-doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Paulo. Professor do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: fabiobidu@hotmail.com

(2004) – propõe, a fim de subverter as “certezas” que costumam cercar os debates referentes a gênero e sexualidade. De acordo aos teóricos *queer*, a compreensão do que é gênero se dá em uma sociedade que, todos os dias, reforça padrões e normas de gênero. Ocorre, nesse âmbito, que para ser do gênero masculino não basta compreender-se do gênero masculino. Há que cumprir com as expectativas sociais referentes ao gênero masculino, sob o risco de, se não as seguir, ser segregado socialmente.

Este trabalho, portanto, discute a respeito de como se constrói a percepção da masculinidade a partir da análise da obra literária *Boy erased: uma verdade anulada* (2016), de Garrard Conley. Nesse âmbito, recorre à literatura, uma vez que o texto literário permite um debate humanizado a respeito de questões socialmente pertinentes, apresentando novas perspectivas de análise. A escolha do livro se deve a seu caráter autobiográfico, decorrente da experiência do autor, o qual fortalece ainda mais o vínculo da obra com a sociedade.

Assim, o artigo se estrutura em três tópicos. Em princípio, apresentará seu autor e dissertará a respeito da literatura autobiográfica. Logo, exporá o enredo da obra e seus personagens, com ênfase nos momentos da obra em que se faz menção à questão da masculinidade. Finalmente, disporá os pressupostos da análise *queer* e dos estudos da masculinidade, embasando-se em suas contribuições para poder analisar os aspectos da obra referentes à discussão sobre o masculino.

2. METODOLOGIA

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Desse modo, os referenciais teóricos foram selecionados a fim de responder o seguinte problema de pesquisa: quais as reflexões são possíveis de se fazer sobre masculinidade a partir do retrato construído em *Boy erased: uma verdade anulada* (2016)?

Especificamente, pretende cumprir os seguintes objetivos: a) enfatizar a contribuição da literatura na construção de um debate humanizado sobre a realidade social; b) descrever como a masculinidade é retratada no texto literário; c) relacionar as questões sobre masculinidade presentes na obra a problemáticas reais sobre o masculino;

Para tanto, ampara-se em teóricos como Candido (2004) e Perroné-Moisés (2006) para defender a possibilidade de pensar criticamente o real a partir do literário, especialmente quando se analisam narrativas autobiográficas. Consequentemente, recorre-se a Lejeune (1975) e Alberti (1991) para discorrer sobre o texto autobiográfico, suas particularidades, assim como a importância do pacto autobiográfico.

Estabelecida a possibilidade de um diálogo entre literatura e sociedade, conta-se o enredo da obra e seus principais personagens, destacando-se os trechos mais significativos para analisar a

construção da masculinidade do personagem principal. Finalmente, relacionam-se esses aspectos às problemáticas sobre masculinidade apresentadas por Bento (2015), Kimmel (1998) e Ecco (2008).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A respeito da relação entre literatura e sociedade, comenta Antonio Candido:

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 2004, p. 175).

Perroné-Moisés complementa, dispondo que é devido à forma que o texto literário se faz particularmente poderoso para criticar a sociedade. Segundo ela, a “simples denúncia, pela linguagem, do que vai mal do mundo, não tem a eficácia conseguida pelo trabalho da forma literária” (2006, p. 107).

Desse modo, partir do texto literário para refletir a respeito de questões sociais constitui uma maneira válida de gerar “novos campos de reflexão” (Culler, 2016, p.86) literária e sociológica. Entretanto, no que diz respeito ao gênero literário da autobiografia, a relação entre literário e social se intensifica. A respeito desse vínculo, Lejeune (1975) afirma que na autobiografia ocorre o “pacto autobiográfico”, através do qual o leitor adquire ciência da identificação entre autor e narrador.

Alberti (1991) também considera primordial o vínculo entre autor e narrador no gênero autobiográfico. Para a autora, o “pacto autobiográfico” implica na explicitação da relação entre a identidade do autor e narrador. Portanto, distingue-se do “pacto romanesco”, por meio do qual se atesta a ficcionalidade da narrativa.

Assim, em *Boy erased: uma verdade anulada* a figura de Garrard Conley é, simultaneamente, autor, narrador e personagem principal, o qual é corroborado pelas próprias declarações do autor (Genestreti, 2019; Ramírez, 2019; Turner, 2018). Nesse âmbito, o relato encontrado na obra literária consiste na vivência do autor durante o período em que foi submetido à terapia de reorientação sexual da Amor em Ação.

Contudo, apesar do pacto autobiográfico, o teor da obra pode apresentar distinção entre o realmente vivido pelo autor. Conforme explicação de Alberti:

Do ponto de vista da relação entre autor e narrador, teríamos uma identidade clara, assumida, que se manifesta no presente da enunciação: é o autor que escreve aquelas linhas; é ele que narra, no momento presente, a história. Já entre autor e personagem, o que teríamos não constitui identidade, mas, antes, uma relação de *semelhança*, uma vez que o sujeito do enunciado (personagem), apesar de inseparável da pessoa que produz a narração (o autor-

narrador está falando dele mesmo), dela está afastado, o que se compreende principalmente ao verificar a distância temporal entre o presente da enunciação e o relato de acontecimentos passados: o personagem com a idade de três anos assemelha-se ao autor com a idade de três anos. É por isso que, do ponto de vista do enunciado, o pacto autobiográfico prevê e admite falhas, erros, esquecimentos, omissões e deformações na história do personagem; possibilidades, aliás, que muitas vezes (ALBERTI, 1991, p. 76)

Sendo assim, apesar das limitações mencionadas pela autora, o teor do livro não perde sua relação com o real, mantendo o pacto autobiográfico. Desse modo, faz referência constantemente a uma realidade externa ao texto, sem recorrer a um “outro mundo imaginário”.

Comprovado o estreito vínculo entre autobiografia e realidade social, no tópico seguinte expomos o enredo de *Boy erased: uma verdade anulada* (CONLEY, 2016), apresentando seus principais personagens, e amparando-nos nas contribuições de Bento (2015), Ecco (2008) e Kimmel (1998) para respaldar as problematizações acerca da construção da masculinidade.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme exposto, em *Boy erased: uma verdade anulada* (Conley, 2016) há o relato autobiográfico do narrador-personagem Garrard a respeito de sua experiência na clínica de reorientação sexual Amor em Ação (AEA). Inicia-se a narrativa no momento em que este, acompanhado de sua mãe, vai pela primeira vez a uma reunião do grupo AEA, no dia 7 de junho de 2004. O estranhamento, iniciado desde o instante em que adentra o edifício onde se instala a AMA, intensifica-se a medida em que entra em contato com os demais clientes do programa Doze Passos e com John Smid, o orientador.

O programa “Doze passos” é descrito como um método lento, mas eficaz de “curar” as práticas pecaminosas. Assim, o grupo frequentado por Garrard é heterogêneo, composto por outros indivíduos que incorreram em ações contrárias à moral cristã pregada pela AEA. Estes são guiados através dos passos do programa pelo personagem John Smid, figura constante na narrativa. Autoproclamado ex-homossexual, o orientador direciona as atividades do grupo, compelindo-os a compartilhar seus pensamentos “impuros” e a identificar a “origem” do pecado em suas vidas.

Além do orientador e dos colegas que conhece no grupo da AEA, a namorada de Garrard, Chloe, reveste-se de importância dentro do enredo. Os trechos que abordam a relação entre eles possibilitam conhecer o impasse sexual vivenciado pelo narrador, bem como seus esforços para se adequar às expectativas da comunidade. A maneira com que o jovem termina com Chloe – simplesmente se afastando, rejeitando suas ligações e contatos – acaba reforçando seus temores de que é fraco, inadequado, uma decepção para seus pais.

Seguindo uma narrativa não-linear, é por meio de uma das memórias de Garrard que o leitor conhecerá a circunstância que o levou a frequentar a AEA. Nessa lembrança, o personagem-narrador expõe seu contato com o personagem David, inicialmente inocente, mas que culmina na relação sexual forçada. Sentindo-se culpado – não pelo estupro, mas por ter “cedido” a impulsos homossexuais – David telefona aos pais de Garrard e lhes conta a respeito das inclinações sexuais do filho. Jamais assumindo responsabilidade pelos seus atos, David relata um encontro aparentemente consensual, o qual choca profundamente a família cristã.

A relação da família de Garrard com o cristianismo é constantemente mencionada na obra. Criado em um lar batista cristão, os conflitos vivenciados pelo narrador no que tange a sua orientação sexual são diretamente ligados à crença profunda que a família alimenta na doutrina religiosa cristã, a qual condena a homossexualidade. Embora em inúmeros instantes da narrativa Garrard demonstre sentir respeito e carinho pelas figuras paternas, isso não obsta a frustração decorrente do engajamento religioso do pai, o qual obriga-o a seguir um modelo de conduta cristã. O abuso do qual foi vítima faz o personagem principal sentir-se culpado em relação aos próprios sentimentos, conseqüentemente aceitando se submeter à cura cristã da AEA. Mesmo que, ao ingressar na universidade, tenha adquirido outras perspectivas de vida, questionando muitos dos valores inculcados por seu pai e sua igreja, o desejo de ser aceito pelos pais e pela comunidade o levam a comparecer às reuniões da AEA.

No entanto, a medida em que aumenta seu envolvimento com a AEA, maiores são os questionamentos de Garrard. Finalmente, após uma conturbada reunião – na qual John Smid compele os presentes a ter uma “briga imaginária” com o pai, a fim de culpá-lo por suas condutas – o rapaz abandona o grupo, nunca mais retornando. Nesse momento, apesar de ainda muito conturbado em relação a seus próprios desejos, Garrard percebe que estes não decorrem de qualquer experiência traumática, sendo impossível “culpar” alguém por sua origem.

A narrativa é concluída no epílogo, o qual relata as sequelas emocionais que a experiência na AEA causou no personagem-narrador mesmo que, naquele momento, a Exodus Internacional – instituição à qual a AEA se subordinava – tenha sido fechada. Também expõe a natureza instável da relação com os pais, os quais oscilam entre a aceitação e a sensação de culpa pela orientação sexual do filho. Finalmente, os últimos momentos da obra dizem respeito ao momento em que Garrard se decide a escrever sua experiência, tornando-a um livro.

Em *Boy erased: uma verdade anulada* (CONLEY, 2016) observa-se o conflito decorrente da valorização de um padrão de masculinidade que Oliveira descreve como hegemônico na sociedade ocidental. Segundo o autor, “a hierarquia máxima está destinada a homens (nascidos com a genitália

tida como masculina), brancos, heterossexuais, monogâmicos, sem nenhuma deficiência (física ou mental), não empobrecidos, jovens, cristãos, ocidentais” (2013, p.4).

Dentre esses aspectos, a heterossexualidade e o cristianismo serão os mais discutidos na obra. Filho de pais ativos na comunidade cristã local, Garrard sente-se pressionado a ostentar características socialmente consideradas masculinas, como liderança e assertividade. Exemplifica o exposto o fragmento em que é solicitado ao personagem que conduza uma oração em grupo. Devido a estar no local de trabalho do pai e junto de colegas considerados referência entre os cristãos de seu meio, Garrard se intimida, temeroso de ser julgado por eles (CONLEY, 2016). Consequentemente, não consegue guiar a oração, o qual o envergonha e faz com que questione sua própria natureza introspectiva, visto que “a aprovação e reconhecimento do homem como membro do gênero masculino ocorre a partir da relação com outros homens e da aprovação social masculina” (BENTO, 2015, p. 96).

A relação de Garrard com a literatura é apontada, em inúmeros momentos da narrativa, como indicativo da “fragilidade” de sua masculinidade. Quando comenta a respeito de sua primeira experiência na reunião de grupo da AEA, o personagem-narrador expõe como foi sujeitado a uma “revista” prévia, na qual um dos membros do grupo examinou os objetos pessoais que carregava consigo. Dentre eles, encontrava-se um caderno de anotações, o qual foi examinado e considerado “pecaminoso”. Considerando que o caderno continha apenas fragmentos de textos escritos pelo jovem, o aspecto pecaminoso de seu conteúdo se relaciona diretamente à manifestação de características “femininas”, quais sejam a sensibilidade literária e a criatividade.

Sobre as características associadas à masculinidade, Bento (2015, p. 61) afirma que “nas interações sociais, ‘ser homem’ ou ‘ser mulher’ não se reduz aos caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de atributos morais, comportamentais socialmente produzidos e compartilhados”. Portanto, ao não ter conseguido desempenhar uma tarefa valorizada pelo grupo em questão, o personagem questiona sua masculinidade, considerando-se falho e inferior aos outros homens.

A difusão das psicologias do homem (baseadas em uma subjetividade agressiva, racional, objetiva, forte, segura e ativa) e as da mulher (baseadas na afetividade, ingenuidade, passividade) serve para cristalizar oposições. Nesta perspectiva, quando o homem experimenta a sensação corporal da ternura, do toque, sente-se confuso com este lado “feminino” obscuro e desestabilizador. Ao homem é interdito sentir ternura e tocar a pele do seu igual. Qualquer impulso carinhoso poderá ser o desencadeador de “tendências homossexuais” (BENTO, 2015, p. 127)

Vivenciar o gênero masculino fora das expectativas sociais direcionadas à masculinidade, nesse âmbito, põe em questionamento a orientação sexual do sujeito, muito embora gênero e sexualidade não sejam sinônimos. De acordo a Butler (2004), não existe uma correspondência natural entre

identidade de gênero e orientação sexual. Para a teórica, essa percepção tem origem social, visto que a sociedade produz e reproduz expectativas sexuais e de gênero. Afirma que não existe uma experiência sexual e de gênero que não esteja inserida em uma sociedade e, portanto, sujeita às normatizações de gênero desta. No mesmo sentido, Preciado (2014) dispõe que a arquitetura do corpo é política, uma vez que a maneira em que é lido e utilizado corresponde às normas sociais, as quais tentam atribuir o status de natural à quem é cisgênero – ou seja, quem não é transgênero – e heterossexual.

Influenciado por essas perspectivas *queer* e pelos estudos de gênero, a construção do campo de estudos sobre masculinidade se inicia na década de 60, visando a “desconstrução crítica dos elementos constitutivos dos papéis masculino e feminino” (SOUZA, 2009, p. 127). Nesse âmbito, dentre as contribuições teóricas desse campo, destaca-se a afirmação de Connell (1987), o qual expõe que, embora possam ser encontrados registros sobre gênero em todas as sociedades, o mesmo não ocorre com a noção de masculinidade. Portanto, a masculinidade se manifestaria de distintas maneiras de acordo a cada sociedade.

Similarmente, Kimmel:

Em primeiro lugar, pressuponho que entendemos que as masculinidades são socialmente construídas, e não uma propriedade de algum tipo de essência eterna, nem mítica, tampouco biológica. Pressuponho que masculinidades (1) variam de cultura a cultura, (2) variam em qualquer cultura no transcorrer de um certo período de tempo, (3) variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e (4) variam no decorrer da vida de qualquer homem individual. Em segundo lugar, entendo que as masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc.). Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia (KIMMEL, 1998, p. 105).

Nesse sentido, denomina-se masculinidade hegemônica o ideal resultante desses embates pautados na crença em uma superioridade de gênero (masculino em relação ao feminino) e no gênero (que segrega modelos distintos de masculino). Seu surgimento decorre do caráter patriarcal e heterocentrado da sociedade ocidental.

Embora o conceito de hegemonia esteja, segundo Matos (2000), muito mais ligado às relações entre gêneros distintos, a autora admite a possibilidade de utilizá-lo para análises intragênero. Desse modo, compreende-se a abordagem de Connell (1987) não como crítica aos estudos feministas e de gênero, mas como um desdobramento deles. Sobretudo levando-se em consideração a afirmação de Souza (2009, p. 124) de que o campo de estudos da masculinidade “deve se considerar em dívida com os movimentos feministas e LGBT, que estimularam pesquisadores à reflexão sobre a construção da masculinidade”.

Por ser homossexual, Garrard vivenciaria a masculinidade subordinada, descrita por Connell (1987) como um dos modelos de masculino que convivem junto ao hegemônico. Subordinada, posto que faz com que esses homens sejam oprimidos pelos outros, opressão que constitui a ideologia que a masculinidade hegemônica cria e perpetua a fim de se manter. Nesse âmbito, tanto mulheres quanto homens são subordinados, criando “relações assimétricas entre os gêneros” (Bento, 1995, p. 90) e dentro do mesmo gênero.

Nessa perspectiva, Kimmel:

E, é claro, além disso, que desde a virada do século até hoje em dia, são as mulheres e os homens gays que têm servido como as visões clássicas da identidade de gênero subalterna. As mulheres e os homens gays são os outros clássicos, o pano de fundo contra o qual os homens brancos heterossexuais projetam as suas ansiedades de gênero e é sobre a emasculação destes que os self-made men constroem definições hegemônicas. As mulheres emasculam os homens representando o lar, a vida doméstica, a obrigação familiar, assim como uma carnalidade insaciável. Os homens gays são bichinhas passivas e efeminadas assim como são sexualmente insaciáveis e predatórios (KIMMEL, 1998, p.116)

Portanto, as inquietudes de Garrard se relacionam à exclusão social vivenciada por muitos homossexuais – uma vez que a sociedade heterocentrada considera a homossexualidade, utilizando a terminologia de Rubin (2003, p. 16), um “estigma sexual” – e à tentativa de se distanciar do simbólico feminino. Isto agrava-se devido à peculiaridade da comunidade à qual pertence, fortemente influenciada pelo discurso religioso cristão.

Sobre a função da religião na construção da masculinidade, postula Ecco:

[...] há uma forte tendência do homem nas relações sociais, ser pensado a partir da herança Bíblica cultural de Deus Pai todo poderoso. A imagem de toda a masculinidade reside nos arquétipos de um Deus que é homem e todo Poderoso, de quem deriva toda a paternidade, tanto no céu como na terra. A família e a paternidade reforçam a hierarquia social da masculinidade (ECCO, 2008, p. 96).

O forte apego ao discurso cristão do grupo familiar do personagem-narrador potencializa a rejeição da homossexualidade e de características que se distanciam do ideal masculino pelo qual homens são lidos como “poderosos, racionais, viris, não emotivos e agressivos (quando necessário)” (ECCO, 2008, p. 95). Dessa forma, apenas quando entra em contato com outros discursos e ideologias, dentro da universidade, que Garrard intensifica seus questionamentos em relação às expectativas alheias.

Tais dúvidas, embora contribuam com a ruptura exposta no final da narrativa – onde o personagem narrador se recusa a tentar alterar sua própria natureza – não conseguem mitigar a aflição de Garrard ao desafiar sua família e comunidade. A conclusão da obra demonstra o quão difícil é

abandonar o modelo de masculinidade hegemônica, visto que apresenta o processo lento de reaproximação entre Garrard e as figuras paternas – sobretudo seu pai – após renegar seus ideais.

O contato entre Garrard e outros homens que também foram submetidos a clínicas de reorientação sexual possibilita ao personagem lidar com as consequências emocionais e psicológicas de sua experiência na AEA. Ainda, entre os inúmeros prejuízos que a “terapia” causou no narrador, destaca-se o prejuízo em sua vida espiritual. Tendo em vista o estreito vínculo entre cristianismo e a concepção de uma masculinidade à semelhança de Deus, o personagem sente que perdeu sua conexão com o divino. Nota-se que a reprodução de um ideal de masculinidade pode causar prejuízos que ultrapassam o aspecto afetivo e sexual, interferindo em distintas esferas.

Tendo em vista o exposto, compreende-se que os conflitos vivenciados pelos personagens da obra se assemelham às problemáticas relacionadas à construção da masculinidade na sociedade contemporânea ocidental. Consequentemente, conhecer o enredo do livro e suas particularidades possibilita realizar conexões que ultrapassam o universo da obra, sobretudo levando em consideração o caráter autobiográfico da mesma.

Conclui-se que os sentimentos e embates experimentados pelo personagem-narrador se relacionam à realidade social ocidental – patriarcal e heterocentrada – na qual ainda é possível observar a construção de ideias masculinos, muito embora estudos atuais sobre masculinidade considerem cada vez mais a emergência de um “novo homem” (SOUZA, 2009). Portanto, a leitura e análise de *Boy Erased: uma verdade anulada* (CONLEY, 2016) possibilita, além de conhecer as memórias de seu autor, visto que autobiografia, discutir a respeito de como surge o ideal de masculinidade hegemônico, as maneiras pelas quais se mantém e suas consequências negativas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à relação entre texto literário e realidade, torna-se possível partir da literatura para problematizar a realidade social. Esse vínculo é ainda mais estreito quando se trata da autobiografia, gênero no qual o autor é, simultaneamente, personagem e narrador.

Assim, no presente artigo se discutiu a respeito da masculinidade dentro da obra *Boy Erased: uma verdade anulada*, de Garrard Conley, consequentemente problematizando a construção do masculino na sociedade. Da leitura da obra, observou-se que os conflitos vivenciados pelo personagem Garrard se relacionam diretamente à valorização de um ideal de masculino – denominado masculinidade hegemônica – o qual compele à heterossexualidade e à incorporação de características socialmente tidas como “masculinas”.

Através da contribuição teórica de autores como Bento (2015), Connell (1987) e Kimmel (1998), constatou-se que a masculinidade hegemônica varia de acordo à época e local. Portanto, levando em consideração as características da comunidade cristã frequentada pelos personagens, o modelo de masculino valorizado por ela está diretamente ligado à ideologia cristã.

Observou-se que o contato do personagem narrador com outros grupos sociais, nos quais se fazem presentes modelos múltiplos de masculinidade, contribuíram para que questionasse suas próprias crenças, possibilitando a ruptura com o ideal de masculino. Contudo, a grande aflição vivenciada por Garrard ao fazê-lo demonstrou a dificuldade em abandonar o ideal da masculinidade hegemônica dentro de uma comunidade que perpetua a assimetria entre gêneros e dentro do mesmo gênero.

Concluiu-se que a leitura da obra possibilita conhecer as vivências do autor e, em adição, problematizar o ideal de masculinidade hegemônico na sociedade contemporânea ocidental e suas consequências. Desse modo, além do valor artístico e literário, o texto se apresenta como uma leitura que contribui na análise sociológica da masculinidade.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 66-81, 1991.
- BENTO, B. **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas. Natal: EDUFRN, 2015
- BUTLER, J. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.
- CONLEY, G. **Boy erased**: uma verdade anulada: uma verdade anulada. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley: University of califórnia Press, 1987.
- CULLER, J. Teoria literária hoje. In: **O lugar da teoria literária**. Florianópolis, Criciúma: EdUFSC, 2016.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ECCO, C. A função da religião na construção social da masculinidade. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. XIV, n. 1, p.93-97, 2008.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. 6ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019

GENESTRETI, G. Em “Boy erased”, escritor narra como pais o obrigaram a passar por cura gay. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 de jan. de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/01/em-boy-erased-escritor-narra-como-pais-o-obrigaram-a-passar-por-cura-gay.shtml>> Acesso em: 01 mai. 2020.

KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

LEJEUNE, P. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

MATOS, M. Dimensões da masculinidade no Brasil. In: **Simpósio Internacional O Desafio da Diferença: articulando gênero, raça e classe**, 9, Salvador, 2000. Disponível em: <<http://www.desafio.ufba.br/gt7-004.html>> Acesso em: 02 mai. 2020.

OLIVEIRA, A. L. G. Os homens transexuais brasileiros e o discurso pela (des)patologização da transexualidade. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 10, Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384804329_ARQUIVO_AndreLucasGuerreiroOliveira.pdf> Acesso em: 30 abr. 2020.

PERRONE-MOISÉS, L. A criação do texto literário. In: **Flores na escrivaninha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RAMÍREZ, N. “Sobrevivi a um centro de conversão gay: essas terapias levam ao suicídio”. **El País**, 05 de abr. de 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/05/cultura/1554474093_207527.html> Acesso em: 01 mai. 2020.

SOUZA, M. F. As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s). **Mediações**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 123-144, 2009.

STRYKER, S. **Transgender History: the roots of today’s revolution**. Second edition. Berkeley: Seal Press, 2017.

TURNER, L. “No me pidas que odie a mis padres”: el hombre que fue sometido a terapia “antigay” por sus padres y les dedicó el libro sobre sus experiencias. **BBC**, 22 de jun. de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/mundo/noticias-44559394>> Acesso em: 01 mai. 2020.